

A light red map of the Asian continent is positioned on the left side of the page, extending from the top to the bottom. The map shows the outlines of the major landmasses in Asia, including the Indian subcontinent, Southeast Asia, and East Asia. The text is centered over the right side of the map.

DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM ÁSIA

“Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos uma Igreja da proximidade. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim.”

(Papa Francisco)

1. O CONTEXTO ASIÁTICO

1. A Ásia, abençoada com diversas culturas, religiões, línguas e etnias, é o maior continente do mundo em termos de área geográfica e de população. Tem uma massa terrestre de 44,6 milhões de quilómetros quadrados, cerca de 30% da superfície total da terra. A Ásia é lar de cerca 4,6 mil milhões de pessoas, com mais de 2 300 línguas faladas em todo o continente. É também considerada o local de origem e o berço das principais religiões mundiais, como o hinduísmo, o islamismo, o cristianismo, o budismo, o jainismo, o sikhismo, o taoísmo, o confucionismo e várias outras seitas religiosas. O Islam é a religião mais proeminente e é praticado por 1,2 mil milhões de pessoas, seguido do Hinduísmo com 900 milhões de adeptos.

2. Embora os sistemas de crenças, valores e símbolos variem de lugar para lugar, a interconexão da comunidade humana une os povos asiáticos. O valor asiático de ser relacional (com Deus, consigo próprio, com os outros seres humanos e com o cosmos) traz consigo a unidade da família humana e a unidade dos povos da Ásia.

3. A Ásia detém a duvidosa distinção de ter o maior número de bilionários do mundo, por um lado, enquanto, por outro, tem 320 milhões de pessoas extremamente pobres, que vivem abaixo do limiar de pobreza, de acordo com o relatório do Banco Mundial. A recente pandemia veio agravar ainda mais a desigualdade e a divergência económica entre os que têm e os que não têm.

4. Também em termos políticos, vemos diversos sistemas de governação que incluem democracias parlamentares, regimes ditatoriais militares, governantes comunistas, monarquias constitucionais e formas de governo presidenciais.

5. Apesar dos benefícios que a unidade e a diversidade trazem à Ásia, esta está também enraizada em muitos desafios que afetam diretamente a Igreja e a vida das pessoas da Ásia. Alguns dos desafios são a pobreza generalizada em toda a Ásia, a ameaça ecológica que trouxe desequilíbrio à vida das pessoas, os desafios da corrupção sistémica, as vagas de migração económica em busca de uma vida melhor, a instabilidade política que causa perturbações internas à paz e à harmonia, e muito mais. Tudo isto tem um impacto direto sobre a Igreja, que procura ir ao encontro de todos os povos.

6. Embora o cristianismo continue a ser uma minoria muito pequena na maior parte da Ásia, a vitalidade e a riqueza das culturas individuais trazem alegria à vida da Igreja. O continente asiático é vasto e está dividido em quatro regiões reconhecíveis: Ásia Central, Oriental, Meridional e do Sudeste.

7. Fundado na nossa dignidade batismal comum, este caminho sinodal é de facto uma expressão da Igreja universal e das Igrejas locais que caminham juntas como uma só. Os efeitos positivos de trazer pessoas de todos os sectores da vida, dentro e fora da Igreja, para um processo de oração mútua, de escuta recíproca e de discernimento da voz do Espírito Santo, fazem surgir nelas uma nova experiência de vitalidade e dinamismo para a vida da Igreja.

8. Entre os 4 mil milhões de pessoas que vivem na Ásia, a Igreja Católica representa apenas 3,31% da população total, mas contribui grandemente nas áreas da educação, dos cuidados de saúde, da assistência social e da ajuda aos grupos pobres e marginalizados da sociedade.

9. Numa sociedade asiática pluralista, a Igreja Católica continua a difundir a mensagem de amor, capacitando os marginalizados através de uma educação de qualidade e integrando-os na corrente principal da sociedade.

10. Milhares de sacerdotes, homens e mulheres consagrados, juntamente com missionários leigos e catequistas, estão envolvidos na formação da fé e na resposta às necessidades espirituais e pastorais da comunidade católica em toda a Ásia.

II. O PROCESSO SINODAL

Fase Pré-Sinodal: 50ª Conferência Geral da FABC

11. A convocação do Papa Francisco para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos surgiu quando a Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) estava a preparar uma Conferência Geral – segundo o modelo do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM) – para realçar o contributo da Igreja na Ásia para a Igreja em geral. Com a aproximação do 50º aniversário do Encontro Asiático dos Bispos, que teve lugar durante a visita do Papa São Paulo VI a Manila em 1970, a Conferência Geral foi inicialmente marcada para novembro de 2020. No entanto, a pandemia do coronavírus obrigou a FABC a adiar a Conferência Geral para outubro de 2022.

12. A coincidência de ambos os movimentos foi considerada providencial: o processo da Conferência Geral estava a trazer para a ribalta a situação e os desafios atuais dos povos da Ásia, bem como a missão contemporânea das Igrejas na Ásia, enquanto o processo sinodal estava a fornecer a metodologia e, por vezes, até a criar os mecanismos de escuta para a realização das consultas da Conferência Geral.

13. Os frutos da Conferência Geral serão mais evidentes na secção sobre as “lacunas” abaixo. Estas representam as preocupações e prioridades que foram reconhecidas durante a Conferência Geral, mas que não foram amplamente abordadas nas respostas asiáticas ao Documento para a Fase Continental.

14. Como observou o Papa Francisco no início da Conferência Geral da FABC, Paulo VI encontrou na Ásia uma Igreja dos pobres, uma Igreja dos jovens e uma Igreja em diálogo. Cinquenta anos depois, a Igreja dos pobres é uma Igreja que cuida da nossa casa comum, a Igreja dos jovens está agora a navegar e a evangelizar o continente digital, e a Igreja em diálogo é chamada a construir pontes entre culturas, religiões e povos.

Primeira Fase: Igrejas da Ásia na FABC

15. A Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) inclui 17 Conferências Episcopais¹, 2 Sínodos das Igrejas Orientais² e 3 Membros Associados³. Há 29 territórios incluídos na associação da FABC⁴. Há a esperança de acolher a Igreja na China continental como membro da FABC.

16. No final da Conferência Geral, foi publicado o Documento para a Etapa Continental (DCS). Os exemplares foram impressos e preparados a 28 de outubro e distribuídos a todos os participantes a 29 de outubro de 2022. O Grupo de Trabalho para a Ásia foi formado e aprovado pelo Comité Central numa reunião durante a Conferência Geral. A Task Force deveria coordenar todo o processo sinodal asiático.

17. A Task Force reuniu-se via Zoom a 7 de novembro de 2022. Foi enviada uma carta descrevendo o processo juntamente com o DCS e outras informações do Secretariado do Sínodo sobre a metodologia para a Etapa Continental, incluindo as FAQ. As datas para a Assembleia Continental Asiática sobre a Sinodalidade foram fixadas para 24 e 26 de fevereiro de 2023.

18. Os 22 membros do FABC foram convidados a responder em 10 páginas ao DCS até 15 de janeiro de 2023. A Task Force enviaria então aos membros um projeto de enquadramento do documento final asiático até 15 de fevereiro de 2023. Foram recebidas 21 das 22 respostas. O relatório foi enviado, como previsto, em 15 de fevereiro.

19. A maioria das pessoas constataram que havia muito pouco tempo para concluir o trabalho, uma vez que se sobrepunha ao Advento e ao Natal. As traduções necessárias demoraram algum tempo, dada a diversidade de línguas na Ásia. Cada conferência escolheu a sua forma de responder ao DSS. Isto incluiu a utilização das equipas sinodais existentes a nível de decanato, diocesano e nacional. Em alguns locais, realizaram-se reuniões em linha. Foram utilizadas reuniões de pequenos grupos, grupos de discussão, assembleias, sempre que possível, e conselhos presbiterais.

Segunda fase: Discernimento e equipe de redação

20. A segunda fase é a redação do projeto de quadro de síntese dos relatórios das Conferências Episcopais. Realizou-se no Camillian Pastoral Care Centre, em Bangucoque, Tailândia, de 31 de janeiro a 4 de fevereiro de 2023. O Comité Central da FABC nomeou a Task Force Asiática para ser a Equipe de Discernimento e Escrita

¹ Catholic Bishop's Conference of Bangladesh (CBCB), Catholic Conference of Central Asia [Conferenza Episcopale Cattolica dell'Asia Centrale] (CECAC), Conference of Catholic Bishops of India (CCBI), Catholic Conference of India (CBCI), Catholic Bishop's Conference of Indonesia [Konferensi Waligereja Indonesia] (KWI), Catholic Bishop's Conference of Japan (CBCJ), Catholic Conference of Korea (CBCK), Catholic Bishop's Conference of Laos and Cambodia [Conférence Episcopale du Laos et du Cambodge] (CELAC), Catholic Bishop's Conference of Malaysia-Singapore-Brunei (CBCMSB), Catholic Bishop's Conference of Myanmar (CBCM), Pakistan Catholic Bishop's Conference (PCBC), Catholic Bishop's Conference of the Philippines (CBCP), Catholic Bishop's Conference of Sri Lanka (CBCSL), Chinese Regional Bishop's Conference (CRBC) [Taiwan], Catholic Bishop's Conference of Thailand (CBCT), Conferencia Episcopal Timorense (CET), Catholic Bishop's Conference of Vietnam (CBCV).

² Sínodo dos Bispos Siro-Malabar (Índia), Igreja Católica Siro-Malankara (Índia).

³ Diocese de Hong Kong, Diocese de Macau, Vicariato Apostólico do Nepal.

⁴ Afeganistão, Bangladesh, Brunei, Camboja, Hong Kong, Índia, Indonésia, Japão, Cazaquistão, Coreia, Quirguizistão, Laos, Macau, Malásia, Mongólia, Myanmar, Nepal, Paquistão, Filipinas, Singapura, Sri Lanka, Taiwan, Tajiquistão, Tailândia, Timor Leste, Turquemenistão, Uzbequistão, Vietname.

e para realizar a tarefa de elaborar um projeto de quadro. A equipe foi alargada e era composta por 9 pessoas: 2 leigos (1 mulher e 1 homem), 1 mulher consagrada e 6 padres, com o Secretário-Geral da FABC a supervisionar o processo, representando as quatro regiões da FABC, nomeadamente a Ásia do Sul, o Sudeste Asiático, a Ásia Oriental e a Ásia Central.

21. Durante quatro dias, a equipe dedicou-se à oração, à partilha e às conversas, à escuta, ao discernimento e à redação do projeto de quadro na atmosfera e no espírito da sinodalidade. A equipe foi dividida em 3 grupos que leram os relatórios de 7 países. Cada equipe discerniu os temas comuns, o contexto e as peculiaridades ao responder às 3 perguntas do DSC, nomeadamente Ressonâncias, Tensões e Prioridades, utilizando a metodologia do diálogo espiritual.

22. A equipe reuniu-se em plenário para continuar a refletir e discutir as suas ideias e redigiu o projeto de quadro. A equipe iria novamente rezar, refletir e discernir enquanto continuava a rever, melhorar e desenvolver o projeto de enquadramento. O projeto de documento de enquadramento foi enviado a todas as Conferências Episcopais e Membros Associados a 15 de fevereiro de 2023.

23. A equipe planeou também o programa para a Assembleia Continental Asiática. A experiência de quatro dias enriqueceu-os tanto que propuseram o mesmo processo de discernimento na assembleia asiática. O programa foi apresentado à Direção Central da FABC para comentários e aprovação.

Terceira fase: Assembleia Continental Asiática

24. De acordo com o procedimento delineado durante a Conferência Geral FABC 50, foi pedido a cada Conferência Episcopal que enviasse três delegados e cada Membro Associado poderia enviar dois delegados à Assembleia Continental Asiática sobre Sinodalidade, que se realizou de 24 a 26 de fevereiro de 2023. Foi ainda determinado que estas delegações deveriam ser constituídas pelo bispo presidente ou pelo seu delegado e por dois outros escolhidos com base nos DCS 108 e 109. Os delegados receberam informações sobre a reunião com antecedência, juntamente com instruções de preparação para este evento.

25. No dia 23 de fevereiro, os participantes chegaram ao Centro de Formação Pastoral Baan Phu Waan, em Bangucoque, Tailândia. Aos delegados de 17 Conferências Episcopais, 2 Sínodos de Ritos Orientais e 3 Membros Associados da FABC juntaram-se membros do Secretariado Geral do Sínodo, o Relator Geral da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos e vários outros convidados. O número de participantes asiáticos na Assembleia foi: 6 Cardeais, 5 Arcebispos, 18 Bispos, 28 sacerdotes, 5 mulheres consagradas, 7 leigos e 11 mulheres leigas.

26. Antes do início das sessões, os participantes receberam os seguintes materiais como recurso para o discernimento e o debate: O Documento da Etapa Continental (DCS), uma cópia do Projeto de Enquadramento para o Documento Final (FD) preparado pela Equipe de Discernimento e Redação, e uma compilação da Catequese do Papa Francisco sobre o Discernimento.

27. No nosso esforço para compor um rascunho do Documento Final que será submetido ao Comité Central da FABC após “validação e aprovação” e deste órgão, que será então encaminhado para o Secretariado Geral, a Assembleia Continental Asiática incluiu os seguintes elementos: conversação espiritual; contributos de breves apresentações; períodos de oração comuns e individuais; discussão geral e em pequenos grupos, revisão e reformulação de versões do rascunho (que foi criado utilizando um texto de enquadramento proposto pela Equipe de Discernimento e Redação); e um fórum durante as sessões plenárias para intervenções dos participantes.

28. Os grupos foram intencionalmente concebidos para consistirem numa mistura de pessoas de várias conferências e diferentes estados de vida (isto é, clérigos, pessoas consagradas, leigos, etc.). A tecnologia de Inteligência Artificial (IA) ajudou no processo de compilação dos contributos derivados do trabalho de grupo.

29. As respostas dos grupos às sessões de discernimento que aprofundaram as diferentes partes do projeto de documento foram lentamente integradas, dia após dia, no projeto de trabalho, à medida que a equipe se reunia no final de cada dia. Além disso, foram acrescentadas mais duas etapas para que os participantes contribuíssem para a redação do projeto: em primeiro lugar, ao apresentar o projeto editado a todos os participantes nos pequenos grupos, a equipe perguntou o que gostariam de alterar e o que gostariam de acrescentar. Em segundo lugar, depois de a equipe ter integrado as alterações e os aditamentos dos pequenos grupos, pediu novamente a todos os participantes que lessem o texto completo e reflectissem em grupo sobre o que a equipe tinha deixado passar de forma significativa.

30. As sessões de trabalho terminaram com uma expressão de afirmação unânime do projeto de documento por parte dos vários grupos de participantes. De seguida, os membros da assembleia debateram as duas questões seguintes: (1) Que estruturas eclesiais devem ser alteradas ou criadas para reforçar a sinodalidade da Igreja na Ásia? (2) O que é que gostaria que acontecesse entre a sessão de outubro de 2023 e a sessão de outubro de 2024 do Sínodo sobre a Sinodalidade?

31. O Cardeal Charles Bo, presidente da FABC, presidiu à liturgia de encerramento da Assembleia, durante a qual os representantes da Assembleia apresentaram o projeto provisório do Documento Final da Assembleia Continental da Sinodalidade Asiática.

Quarta fase: Discernimento e equipe de redação

32. A equipe de discernimento e redação foi encarregada de finalizar o documento final. Reuniu-se de 27 a 28 de fevereiro de 2023, a fim de incorporar as alterações sugeridas pelos delegados da Assembleia. A equipe também participou ativamente na assembleia, juntando-se aos grupos nos debates, nas conversas espirituais e no discernimento comunitário. A escuta de todos e o sentir o pulso dos participantes ajudaram o processo de discernimento na redação do Documento Final.

33. A edição final do documento foi feita num espírito de escrita comunitária, companheirismo caloroso e discernimento em oração. A Equipe enviou então o seu

trabalho ao Comité Central da FABC para “validation e approval.”

Quinta Fase: Comité Central da FABC

34. O Documento Final da Assembleia Continental Asiática sobre Sinodalidade foi apresentado ao Comité Central da FABC na sua reunião online de 3 de março de 2023. Esta reunião serviu para que os Bispos-Presidentes das Conferências Episcopais validassem e aprovassem o Documento Final da Assembleia Continental Asiática, assegurando que este era fruto de um percurso autenticamente sinodal, guardando a unidade da Igreja que nunca poderá degenerar em uniformidade ou polarização.

35. Após ter deliberado sobre o projeto de documento final, o Comité Central da FABC, em 3 de março de 2023 aprova e valida o documento final com algumas variações muito pequenas a serem incorporadas, indicando que deveria ser editado ainda mais e depois ser enviado ao Secretariado do Sínodo como o Documento Final para a Assembleia Continental Asiática do Sínodo.

III. SENTIMENTOS GERAIS EM RELAÇÃO AO PROCESSO

36. Apesar dos desafios, o caminho sinodal não é um processo democrático, mas é um momento de graça e de cura para a Igreja. A imagem da Igreja como tenda sugere um lugar de refúgio que pode ser alargado a todos num espírito de inclusão. Expressa também que Deus pode armar a sua tenda onde quer que o Espírito de Deus sobre, incluindo em lugares onde há violência, agitação e sofrimento.

37. Mais importante ainda, na tenda há espaço para todos, sem que ninguém seja excluído, porque é casa para todos. Neste processo, aqueles que no passado se sentiam “deixados fora” aperceberam-se agora de que têm uma casa nesta tenda, um espaço sagrado e seguro. A maioria dos inquiridos respondeu positivamente à imagem da tenda.

38. A imagem da tenda recorda-nos também que Jesus montou a sua tenda entre nós através da encarnação e, por isso, a tenda é também um lugar de encontro com Deus e uns com os outros. A tenda, agora vista como a casa comum, reavivou também o sentido de pertença e de partilha do batismo comum. O processo sinodal trouxe uma maior consciência da importância de caminhar juntos na Igreja como uma comunhão de comunidades para o crescimento orgânico da Igreja.

39. A consulta continental nos respectivos países assumiu formas variadas. Alguns países conseguiram envolver muitas pessoas de diferentes sectores da vida, enquanto outros só conseguiram reunir grupos mais pequenos de pessoas. Como já foi referido,

os desafios do tempo e da língua tornaram-se um obstáculo para alguns países. No entanto, aqueles que participaram neste processo de reflexão sobre o Dicastério contribuíram de forma construtiva através de um espírito de oração e discernimento para o melhoramento da Igreja.

40. O envolvimento de um número tão vasto de pessoas no processo sinodal revelou um profundo amor pela Igreja, apesar das deficiências e fraquezas da Igreja enquanto instituição.

41. A incapacidade de traduzir o DCS para as muitas línguas vernáculas foi outra limitação sentida pelas Igrejas na Ásia. No entanto, a Conferência Geral FABC 50, realizada em outubro de 2022, foi de facto uma bênção na preparação para esta fase do processo sinodal.

42. Muitas das conversas que foram realizadas antes e durante a Conferência Geral da FABC já traziam indicações sobre o contexto da Igreja e da Ásia. Ao “ouvir” os relatórios, notou-se que, no horizonte, permanece um senso de esperança e alegria para que a Igreja siga em frente por causa do amor de Deus por Seu povo. Estamos convencidos de que o Espírito Santo não para nem falha em inspirar o povo de Deus a se mover na direção da conversão pessoal, comunitária e estrutural.

43. Reconhecemos também que o processo de realização das conversações sinodais, tal como solicitado, foi por vezes doloroso e inquietante, ao mesmo tempo que nos tornou vulneráveis uns aos outros.

44. O Documento para a Etapa Continental (DEC) conseguiu, de uma forma sucinta, captar as esperanças, as aspirações, as desolações e os desafios das pessoas, abrindo assim a porta a uma maior renovação da vida da Igreja. O convite a ouvir pessoas de todos os sectores da vida demonstra a abertura ao outro e o espírito de diálogo facilita a convivência como uma unidade: “Permitir este encontro e diálogo é o significado do caminho sinodal” (DEC, 6).

45. O que o DEC tem conseguido fazer é ser o catalisador de conversas espirituais mais profundas. Em muitos locais, foi efetivamente vivido como um momento de sinodalidade viva na Igreja através de um processo de identidade partilhada e de responsabilidade partilhada.

46. O sentimento geral de preocupação pela Igreja, demonstrado pela participação de todos neste processo, reflecte uma inclinação natural ou orgânica para uma sinodalidade autêntica. Em alguns países, o “processo de escuta” em si não era novo, porque já existiam mecanismos para implementar planos pastorais de Igrejas e comunidades locais a vários níveis, o que criou sinergia e convergência com o espírito de sinodalidade.

47. A própria FABC tem desempenhado um papel vital na vivência da sinodalidade entre as Conferências Episcopais. Isto capta de facto o sentido de caminharmos juntos como membros do Corpo de Cristo em direção ao reino de Deus e, nesse processo,

sermos capazes de alargar as nossas experiências e ampliar a tenda.

48. Tendo em conta estas observações gerais que não só forneceram o *local* para a Igreja na Ásia refletir sobre o DEC, também reconhecemos que a vasta diversidade de pontos de vista e experiências em toda a Ásia tornou difícil sintetizar todas as oportunidades e desafios levantados pelos diferentes países. Guiados pelo Espírito Santo, os parágrafos que se seguem fornecem uma visão das ressonâncias, tensões e prioridades articuladas pelas Igrejas na Ásia.

49. A Equipe de Discernimento e Escrita tomou também a liberdade de identificar algumas das lacunas (*lacuna*) que sentimos estarem ausentes ou não serem suficientemente tratadas nos relatórios enviados pelas Conferências Episcopais, mas que foram pontos-chave de discussão na Conferência Geral FABC 50. Rezamos e esperamos que as reflexões que se seguem sejam fiéis à mente e ao coração dos respectivos processos empreendidos pelos países da Ásia.

IV. RESSONÂNCIAS ASIÁTICAS

*Depois de ter lido e rezado com o DCE, que intuições ressoam mais fortemente com as experiências vividas e as realidades da Igreja no vosso continente?
Que experiências são novas ou esclarecedoras para si?*

50. As ressonâncias que as Igrejas da Ásia sentiram enquanto reflectiam sobre o DSS são sublinhadas pelo facto, já mencionado anteriormente, de que existe um profundo amor pela Igreja. Nesse amor profundo pela Igreja residem emoções variadas como a alegria, a tristeza, a vulnerabilidade e a ferida.

51. Apesar desta mistura de emoções e da diversidade da Ásia, que engloba etnias, raças, culturas, línguas e religiões, o espírito de sinodalidade, tal como é pedido pela Igreja, desafia-nos (Igreja) a ter a coragem de “caminhar juntos” apesar de alguma resistência no seio da Igreja, da falta de apreço pela rica espiritualidade da Ásia e também da perda do sentido do pecado.

52. Apesar de o processo ter sido bem recebido e facilitado em todos os países da Ásia, alguns relatórios mencionaram que o processo de consulta e de escuta trazido pela viagem sinodal poderia causar algum desencanto e desapontamento devido à falta de uma explicação clara e de aceitação do objetivo de reunir e escutar. A tentação de se envolver neste processo poderia ser descrita como mais política ou mesmo ideológica (ou seja, como se assemelhando mais a um fórum de discussão de tipo parlamentar) do que como um verdadeiro esforço sinodal numa perspectiva católico-cristã. Alguns fiéis são cépticos quanto ao objetivo e ao resultado prospetivo de um tal processo sinodal.

53. Algumas dioceses mantêm esta dúvida persistente sobre se as vozes dos que

vivem em contextos minoritários e das comunidades cristãs tradicionais teriam igual influência no processo sinodal e mesmo nos seus resultados. Foi também referido que ouvir é uma tarefa difícil, porque muitas pessoas preferem ser elogiadas em vez de criticadas ou comentadas. Aqueles que ousaram falar foram por vezes considerados antagonistas por certos sectores da comunidade, porque os seus comentários e opiniões foram vistos como não sendo do pensamento dominante ou podendo ter um impacto negativo na Igreja como um todo.

A experiência da alegria

54. É preciso notar que o processo sinodal exigido pela Igreja universal é ao mesmo tempo uma experiência espiritual e uma viagem espiritual. Por isso, é necessário pôr de lado os nossos egos, esvaziarmo-nos de nós próprios e escutar Deus, para que possamos renovar-nos constantemente sob a orientação do Espírito Santo e aprofundar o espírito da sinodalidade.

55. A dinâmica de escutar o mais amplamente possível, que está enraizada no processo sinodal, motivou de facto a Igreja a escutar mais atentamente e a discernir sabiamente onde é que o Espírito Santo nos está a conduzir para abraçarmos e nos tornarmos uma Igreja mais sinodal.

56. Este caminho que iniciámos ajuda-nos a perceber a verdadeira natureza da Igreja e a capacidade de ver a situação da Igreja. A experiência da alegria é reforçada porque o processo sinodal é certamente um lugar de graça, de encontro e de transfiguração.

A experiência de caminhar juntos

57. O processo de caminhar juntos traz às Igrejas locais uma maior consciência dos seus contextos únicos e das suas ricas culturas em toda a Ásia, incluindo a das comunidades indígenas que são frequentemente negligenciadas e esquecidas. Esta riqueza precisa de ser alimentada através da comunhão e do diálogo como uma experiência de caminhar juntos.

58. Como católicos na Ásia que vivem na diversidade, procuramos melhorar a qualidade da nossa amizade uns com os outros, ouvindo, respeitando e cuidando uns dos outros, para que possamos ser uma boa mãe e um exemplo para trazer paz e unidade ao mundo. A formação da fé, que se baseia na palavra viva de Deus, é fundamental para a espiritualidade sinodal.

59. Ao caminharmos juntos, o caminho sinodal reuniu-nos à mesa do Senhor, para que, através d'Ele, n'Ele e com Ele, nos apercebêssemos da nossa inclinação natural e orgânica para a sinodalidade e fôssemos inspirados e fortalecidos para percorrer e descobrir novos caminhos para a Igreja na Ásia.

60. É animador ler repetidamente o profundo amor pela Igreja de tantas Igrejas locais em todo o mundo. Este amor e compromisso com a fé ressoa em todo o SCD e reflecte certamente o sentimento quase universal expresso pelos católicos em todo o mundo.

61. A experiência de caminhar juntos também é prejudicada por ameaças externas que tornam a vivência da fé um desafio. Verificou-se que, em vários países da Ásia, ainda há muitos cristãos que sofrem várias ameaças pelo facto de manterem a sua fé.

62. Apesar destas novas formas de “martírio”, muitos continuam a ser fiéis à fé e estão mesmo dispostos a dar a vida por ela. Em algumas zonas, registaram-se ameaças e violência contra os cristãos, enquanto noutras zonas há outras formas de os cristãos serem discriminados pelas suas crenças.

A experiência das feridas

63. Os relatórios também se referiam às vulnerabilidades e às feridas das Igrejas na Ásia, sublinhando a necessidade de cura. Entre as muitas feridas da Igreja contam-se os abusos relacionados com as finanças, a jurisdição, a consciência, a autoridade e o sexo. Estes abusos teriam certamente dado uma imagem negativa da Igreja, o que levou a que alguns a abandonassem devido à falta de credibilidade. Também ao nível da governação, a falta de transparência e de responsabilidade conduziu a uma crise de credibilidade na Igreja.

64. Os relatórios também apontam para o facto de que, devido a estes abusos, há uma crescente intolerância, ressentimento e negativismo contra a Igreja. Estes são expressos através dos meios de comunicação social, da imprensa escrita e de outros domínios públicos. A responsabilidade pela Igreja deve pertencer a todos e, por isso, todos devem poder participar ativamente no processo de tomada de decisões através do discernimento comunitário.

65. Existe também uma profunda preocupação com a falta de inclusão suficiente das mulheres nos processos de governação e de tomada de decisões na Igreja. As mulheres de vida consagrada, apesar de estarem empenhadas nos vários ministérios da Igreja, experimentam um sentimento de alienação e as suas vozes não são muitas vezes suficientemente ouvidas nas decisões do governo da Igreja. Elas estão ativamente envolvidas e os seus serviços empenhados são muito evidentes.

66. As conversações sinodais apelaram a um repensar da participação das mulheres na vida da Igreja, dado que as mulheres desempenharam um papel importante na Bíblia. Há uma necessidade na Igreja de uma renovação das estruturas de governação que permita uma participação significativa das mulheres em todos os aspectos da Igreja.

67. Os relatórios reconhecem a falta de compreensão e o fracasso da Igreja em prestar cuidados pastorais suficientes a alguns grupos de pessoas que fazem parte da Igreja, mas que muitas vezes têm dificuldade em sentir-se bem-vindas. Entre eles contam-se os pais solteiros, as pessoas em situações matrimoniais irregulares, os casamentos mistos, as pessoas que se identificam como LGBTQIA+, bem como os migrantes e outros.

68. Diversos relatórios levantaram sérias preocupações sobre a ausência dos jovens em muitas Igrejas e especialmente no processo de tomada de decisões. Ao mesmo tempo, os jovens continuam a inspirar e a desafiar toda a Igreja a ter a

coragem de assumir riscos e de fazer mudanças.

69. Muito esporadicamente, alguns relatórios fazem uma breve referência à situação dos povos indígenas. Também se verificou que muitas das suas aspirações e vozes não foram suficientemente realçadas no DDC.

70. Ao mesmo tempo, a escuta do clamor dos pobres e da terra foram questões que não foram tratadas adequadamente, uma vez que são preocupações graves para os povos da Ásia. O papel da Igreja deve ser o de escutar as comunidades vulneráveis e trabalhar no sentido de as proteger, bem como ao seu ambiente, direitos e privilégios.

71. Algumas das feridas sentidas nas Igrejas foram provocadas pela infiltração de ideologias como o individualismo, o consumismo e o materialismo, causadas pelo rápido crescimento económico e pela liberdade de acesso aos meios de comunicação social. Embora muitos destes factores possam ter trazido desenvolvimento a muitas partes da Ásia, a Igreja também é influenciada pelos seus vários efeitos secundários.

72. A voz da Igreja tem sido silenciada por regimes opressivos, de tal forma que não tem sido possível à Igreja desempenhar o seu papel profético. O silêncio também levou a uma complacência passiva agravada pelo medo e, por vezes, até pela apatia. Necessidade de Igrejas em toda a Ásia para apoiarem as Igrejas sob regimes opressivos de uma forma que não ameace ou ponha em risco a sua existência.

O apelo para abraçar novos caminhos

73. A experiência de alegrias e feridas em toda a Ásia só pode ser vista como uma oportunidade para explorar novos caminhos em direção a uma Igreja sinodal. Permanecer juntos como um Corpo unido de Cristo exige uma nova visão na missão pastoral de uma “nova Igreja”, uma Igreja sinodal.

74. A Igreja deve começar com um espírito de inclusão, onde todos se sintam acolhidos e com um sentimento de pertença dentro da tenda. Como povo de Deus, ninguém deve ser excluído; mesmo que sejam frágeis e fracos, o inclusivismo na Igreja é um imperativo para a Igreja sinodal.

75. A diversidade de religiões na Ásia torna quase obrigatório o diálogo ecuménico e inter-religioso como forma de construir a paz, a reconciliação e a harmonia. Muitos relatórios falam de um empenhamento frutuoso com outros cristãos e pessoas de outras religiões. Apesar da diversidade de religiões e culturas na Ásia, existem ainda limitações nas questões relativas ao diálogo ecuménico e inter-religioso.

76. Em alguns lugares, este impulso para o diálogo tem sido uma iniciativa exclusiva da Igreja Católica e há momentos em que não há reciprocidade. Também tem sido visto como iniciativa do clero e não dos leigos.

77. Alguns exprimiram reservas relativamente a estes diálogos por várias razões, incluindo desconfiança e suspeição quanto aos motivos dos mesmos. A Igreja

desempenha um papel importante na construção de pontes para a paz, a reconciliação, a justiça e a liberdade.

78. Embora muito pouco seja mencionado sobre a proteção (menores e vulneráveis) nos relatórios asiáticos, é necessário desenvolver e alimentar o ambiente de uma cultura de proteção na Igreja, a todos os níveis.

79. O processo sinodal apelou a uma escuta alargada de uns e de outros para que se operasse uma transformação a todos os níveis da Igreja. Juntamente com os leigos e as mulheres e homens consagrados que têm vindo a dizer que não foram ouvidos ou que não lhes foi dada voz na Igreja, alguns padres sentiram que não foram suficientemente ouvidos, ao ponto de se sentirem negligenciados.

80. Lendo os relatórios, há um forte sentimento de uma Igreja virada para dentro, que deve lançar as suas redes cada vez mais longe. A missão *ad-extra* deve estar no centro das Igrejas da Ásia. Temos a tarefa de transformar uma abordagem da vida espiritual virada para dentro, individualizada e polarizada, numa abordagem mais missionária, comunitária e integrada.

81. A tenda precisa de ser alargada da forma mais conhecida pelas respectivas Igrejas na Ásia, para que possamos avançar de forma promissora e cumprir a nossa missão como Igreja.

82. As Igrejas na Ásia têm sido capazes de se relacionar e de se identificar com muito do que foi dito no DDC. Isto apenas indica que existem muitas semelhanças com as Igrejas de outros países e continentes, pelo que damos graças a Deus por estarmos todos juntos nesta viagem.

83. Também reconhecemos que algumas destas questões podem ser peculiares a certas regiões, mas consolamo-nos com o facto de que, ao caminharmos juntos, pode haver uma renovação na Igreja e a expansão do reino de Deus.

V. TENSÕES ASIÁTICAS

Depois de ter lido e rezado com o DEC, que tensões ou divergências substanciais emergem como particularmente importantes na perspetiva do seu continente? Consequentemente, quais são as questões ou assuntos que devem ser abordados e considerados nas próximas etapas do processo?

84. Depois de termos rezado, estudado e lido os diferentes relatórios, estamos cheios de esperança de que esta viagem sinodal dê frutos, não só para alargar a tenda, mas também para reconhecer a ação do Espírito Santo nas Igrejas de toda a Ásia.

85. Ao lerem o CDS, as Igrejas da Ásia também reconheceram algumas tensões universais e outras que são específicas do contexto da Ásia. Tendo em conta que algumas destas tensões são muito mais complexas do que parecem, a nossa tarefa não é procurar soluções neste momento, mas sim reconhecer estas tensões e divergências e refletir mais sobre o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja na Ásia.

Tensões na sinodalidade viva

86. A Igreja é composta por pessoas de todos os estados de vida (clero, consagrados e leigos); no entanto, parece haver uma espécie de divisão dentro da Igreja - entre o clero e os leigos, bispos e padres/congregações religiosas, grupos e movimentos eclesiais, dioceses e conferências e mesmo fora dela, entre a Igreja e as autoridades políticas e até entre religiões, como indicado em muitos dos relatórios. No espírito de uma Igreja participativa, a experiência de liderança no “modelo de servidor” precisa de maior atenção para viver a sinodalidade.

87. O desafio de nos tornarmos mais participativos é muitas vezes dificultado por estilos de liderança que impedem (por vezes até excluem) outros de viverem o seu chamamento batismal para serem autênticos discípulos. O modelo de liderança do servo é dificultado e, por vezes, contra-testemunhado quando os padres tendem a dominar e até a parecer imponentes, dominadores e autoritários em relação aos leigos. A reconfiguração do papel dos leigos inclui a expansão dos espaços para um possível ministério leigo através de uma variedade de carismas, incluindo o aconselhamento e a orientação profissional para os jovens, a assistência aos doentes, a educação e a proteção das crianças.

88. Reconhecemos também o trabalho dos catequistas na Ásia, que não são apenas professores de fé, mas também líderes da comunidade por direito. Por séculos eles preparam os fiéis para os sacramentos e os acompanham na vivência da fé. Afirmamos, portanto, a directiva do Papa Francisco que as Conferências Episcopais... tornem efetivo o ministério do Catequista (cf. *Antiquum Ministerium*, n. 9).

89. Reconhecendo as tensões entre o clero, os religiosos e as religiosas e os leigos, o tema da corresponsabilidade de todos na vida e na missão da Igreja foi repetidamente abordado nos relatórios. Muitos problemas surgem quando o exercício do poder está divorciado da responsabilidade e da transparência.

Tensões na tomada de decisões

90. Verificou-se que, em alguns locais, não existe responsabilidade colaborativa no processo de discernimento e de tomada de decisões, sendo muitas vezes deixada apenas aos padres ou aos bispos. As vozes da minoria e mesmo dos leigos não são tidas em conta neste processo. Por vezes, há um diálogo superficial e falta de consulta mesmo nas estruturas recomendadas ou prescritas pelo Direito Canónico, como o conselho pastoral e o conselho económico. Algumas Igrejas consideram isto uma forma de clericalismo, porque é dominado pelo clero.

91. A falta de responsabilidade e transparência na tomada de decisões e nas questões financeiras da Igreja levou a uma maior divisão na caminhada conjunta

no espírito de uma Igreja sinodal. Aqueles que questionam estes assuntos são por vezes excluídos da Igreja. Os estilos autoritários e dominadores de liderança não existem apenas entre o clero, mas há também líderes entre os leigos que exibem tais características. Esta tensão continua a dificultar o caminho para sermos uma Igreja participativa de forma sinodal.

92. No contexto asiático, onde o respeito pelos líderes é um valor inerente, há instancias em que os leigos são demasiado deferentes para com o clero e há uma grande possibilidade de esse respeito ser abusado, e o poder e o controlo tornam-se o *modus operandi*. Isto enfraquece ainda mais a corresponsabilidade dos “não clérigos” na missão da Igreja, bem como na sua governação.

Tensões nas vocações sacerdotais

93. Foi também referido que a visão excessivamente crítica do clero contribuiu para a diminuição das vocações para o sacerdócio nalgumas partes da Ásia. Há regiões na Ásia onde há uma necessidade crescente de sacerdotes para servir e para que a fé cresça continuamente. A necessidade de sacerdotes é real e para a difusão do Evangelho. Os escândalos cometidos por padres e as atitudes e comportamentos pouco saudáveis demonstrados pelos padres estão também causando a diminuição das vocações.

94. Para além disso, alguns relatórios reconheceram também a influência de uma cultura secular e materialista nos sacerdotes e mesmo nos líderes leigos. Este facto põe frequentemente em causa o testemunho dos valores evangélicos na missão da Igreja.

Tensões no envolvimento das mulheres

95. Em muitas das Igrejas da Ásia, a participação das mulheres na vida quotidiana da Igreja é significativa. No entanto, há uma falta de presença de mulheres em funções de liderança. Nalgumas sociedades, as suas vozes quase não são ouvidas.

96. Alguns atribuem este facto às diferenças culturais e às estruturas patriarcais tradicionais das sociedades asiáticas. Em alguns locais, as mulheres em funções de liderança não são muito bem-vindas devido à sua mentalidade cultural. Parece que os homens tomam decisões ou lideram o grupo e as mulheres limitam-se a implementar as decisões ou a trabalhar sob a orientação dos homens. O papel das mulheres é considerado secundário ou simplesmente descartado como sendo um assistente dos homens, o que inclui as mulheres na vida consagrada.

97. No entanto, alguns países referem que os homens não estão presentes na Igreja e, nestas circunstâncias, são as mulheres que assumem efetivamente funções de liderança.

Tensões sobre a juventude

98. Um fenómeno comum observado nos relatórios é a ausência de jovens nas nossas Igrejas. Dado que constituem um número significativo da nossa população (cerca de 65%), estão relativamente ausentes da vida da Igreja. Embora alguns

estejam presentes na vida da Igreja, há uma necessidade de formação na fé, de acompanhamento e de uma maior inclusão nos papéis de liderança e nos processos de tomada de decisão.

99. Em meio à lacuna geracional entre os mais velhos e os mais novos, a Igreja, como “mãe”, precisa estender o seu abraço amoroso à juventude e de ir ao encontro daqueles que estão perdidos, confusos e que se desligaram da Igreja. Apesar de os relatórios afirmarem que os jovens estão em falta na Igreja, talvez um ponto a ponderar seja que os jovens estão possivelmente a dizer que a Igreja está ausente nas suas vidas.

100. Embora os jovens sejam mais conhecedores da tecnologia em partes da Ásia onde o acesso digital é mais fácil, os relatórios também apelam a um maior investimento nos domínios dos meios de comunicação social e das comunicações sociais para poderem chegar até eles para evangelizar e proclamar as boas novas de Jesus Cristo. No entanto, permanece o desafio de envolver os jovens no diálogo entre o mundo virtual e o mundo real.

101. Dotada de uma grande população de jovens, a Igreja na Ásia poderia imaginar-se como uma “tenda digital” para estar onde os jovens estão e ministrá-lhes eficazmente. A sinodalidade com os jovens significa também experimentar as tensões que eles estão a suportar no mundo atual em rápida mudança.

102. Apesar dos benefícios do mundo digital, o impacto negativo das redes sociais também foi destacado - as pessoas passam mais tempo com os aparelhos do que com as pessoas; a forma como são utilizadas para espalhar o ódio, o preconceito e o medo na sociedade; há quem diga que as redes sociais estão afastando as pessoas da fé.

Tensões dos pobres

103. Tal como uma mãe numa família asiática pobre, com muitos filhos que lutam e por vezes não recebem cuidados adequados, a Igreja na Ásia também luta e abraça dolorosamente um grande número de pessoas pobres e marginalizadas que precisam de um acompanhamento especial neste processo de sinodalidade.

104. São vários os rostos dos pobres na Ásia: os materialmente pobres, como as minorias étnicas, os trabalhadores migrantes, os habitantes dos bairros de lata urbanos, os refugiados em fuga, etc.; os socialmente pobres, muitas vezes negligenciados pela Igreja e pela sociedade, como os sem instrução, os jovens indiferentes, as pessoas com deficiência, as pessoas privadas de liberdade, as pessoas de castas inferiores, os divorciados e recasados, as mães solteiras, os idosos e os doentes, os seropositivos, os dependentes de substâncias, as pessoas que se identificam como LGBTQIA+, etc.

105. Reconhecemos, no entanto, que o termo pobreza é relativo, uma pessoa pode ser materialmente pobre mas rica em cultura, espiritualidade e hospitalidade.

106. Apesar de algumas barreiras culturais que possam existir, a Igreja na Ásia deve desejar dirigir corajosamente os seus olhos para os rostos dos pobres, para

reconhecer com amor, reconhecer e acolher todos como filhos de Deus que merecem agora a nossa atenção. Reconhecemos as tensões para sermos inclusivos e, no entanto, sermos fiéis aos valores do Evangelho e à fidelidade moral aos caminhos da Igreja - talvez até mesmo um escândalo se forem acolhidos na Igreja.

107. A Igreja deve esforçar-se por encontrar formas de incorporar os pobres na sua vida e missão, de modo a que, sendo curados, alimentados e formados no *sensus fidelium* no âmbito da nossa tradição apostólica e identidade católica, possam ser parceiros iguais e companheiros respeitados com todos os outros na Igreja. Tal como é referido em vários relatórios, algumas destas mudanças exigirão revisões canónicas que facilitarão a inclusão da Igreja em relação aos pobres.

108. A Igreja deve também ser a voz dos pobres. Há instancias em que a Igreja se cala perante a situação difícil e o grito dos Dalits, das tribos, dos indígenas e dos pobres. Na tensão de não querer causar problemas às autoridades ou de ser silenciada, a Igreja pode ter alienado estas pessoas e ter feito ouvidos moucos ao "grito dos pobres". A voz da Igreja deve defender os que não têm voz nem poder.

Tensões dos conflitos religiosos

109. Embora exista uma diversidade de religiões em toda a Ásia, há também conflitos religiosos crescentes e mesmo perseguições (subtis e directas) em algumas áreas. O agravamento da cultura da violência em toda a Ásia, em parte devido à falta de recurso a um sistema judicial que funcione, é também inquietante. A politização das religiões tornou difícil a prática da fé das minorias. Entre os desafios contam-se a opressão política, os governos ditatoriais, a corrupção e as leis injustas.

110. As Igrejas da Ásia estão sempre a ter de andar na corda bamba do equilíbrio entre ser fiel ao Evangelho e, ao mesmo tempo, não colocar os cristãos numa posição de ameaça. Mesmo aquilo que é um dado adquirido em muitos lugares, como dar um nome cristão a uma criança, é por vezes um obstáculo noutros lugares.

111. Há momentos em que, em situações como estas, o que é preciso é paciência e esperança de que as coisas mudem. A Igreja na Ásia lida constantemente com estas tensões e há necessidade de apoio mútuo para caminharmos juntos com coragem e amor.

Tensões do clericalismo

112. O clericalismo, como em muitas partes do mundo, é também uma preocupação na Ásia. Muitas das respostas indicam o clericalismo como uma tensão nas suas regiões e algumas declaram-no também como uma das causas da falta de sinodalidade na Igreja na Ásia.

113. No entanto, tem-se verificado que o clericalismo tem significados diferentes para pessoas diferentes. A palavra clericalismo parece abranger um vasto leque de questões, enquanto que, ao mesmo tempo, algumas regiões são mais específicas. Entre as expressões de clericalismo contam-se a falta de consulta em questões administrativas, as atitudes dominadoras e o sentimento de direito demonstrado

pelos responsáveis, especialmente os padres, a sobre-exposição do poder sobre o povo, etc.

114. Foram identificadas algumas causas profundas do clericalismo, por exemplo, o carácter individual ou a imaturidade psicológica, algumas sugerem causas mais sistémicas e outras apontam para a subcultura do silêncio e da impunidade. A formação adequada de bispos, clérigos e leigos para uma Igreja sinodal pode, portanto, estar entre as principais respostas a esses abusos.

115. Por outro lado, os clérigos sentem-se demasiado criticados pelos leigos, de tal modo que alguns se sentem sozinhos, isolados e escrutinados a toda a hora. Isto leva ainda à desmotivação dos padres e à apreensão dos jovens que poderiam estar a considerar e a discernir uma vocação para o sacerdócio. Alguns atribuem a falta de vocação às exigências irracionais que estão a ser feitas pelas pessoas.

VI. REALIDADES E DIVERGÊNCIAS ASIÁTICAS

116. Conscientes de que o cristianismo é uma minoria na Ásia (calcula-se que os católicos são cerca de 3,31% da população asiática e, em vários locais, menos de 1%), existe um grande sentido de amor por Jesus e pela sua Igreja. A alegria de caminharmos juntos nesta renovação sinodal é palpável. A nossa fé estimula as nossas relações não só entre cristãos, mas também com povos de religiões vizinhas, na nossa busca de uma vida harmoniosa através de um processo de construção de pontes. Em lugares onde a discriminação e a violência são mais pronunciadas do que noutros lugares, a fé em Jesus Ressuscitado mantém-nos fortes e esperançosos no meio destas adversidades.

117. A espiritualidade asiática, caracterizada pela contemplação e pelo respeito pela natureza, está entrelaçada com um profundo sentido de piedade e de devoção popular. Estas devoções, por vezes, animam a fé e atraem as pessoas para a Igreja, tanto católicos como não católicos.

118. As nossas expressões corporais de culto e de oração, que abrangem os sentidos humanos, a dança, a arte, a poesia e o silêncio, encontram por vezes tensões no modo formal de celebrar os sacramentos. Vários relatórios apontaram a necessidade de redescobrir criativamente a essência da liturgia, ou seja, atrair as pessoas para Deus com expressões asiáticas de culto.

119. Notou-se também que, em alguns lugares, os católicos estavam mais empenhados em devoções populares do que em refletir sobre a palavra de Deus, o discernimento espiritual ou a oração pessoal. De um modo geral, a necessidade de as liturgias serem mais vivas e relacionáveis - texto que possam compreender, música que possam cantar e rituais com que se possam relacionar - foi expressa de várias formas nos relatórios.

120. Reconhecemos que o *ethos* asiático que há muito faz parte dos seus povos (por exemplo, a confiança em Deus, a interação comunitária, a relação com Deus, consigo próprio, com os outros seres humanos e com o cosmos, etc.) está agora a ser corroído pelas culturas globalizadas do individualismo, do secularismo e do relativismo.

121. Estamos conscientes de que existe uma tensão entre as culturas asiáticas e as nossas expressões de fé em termos de línguas, imagens e até conceitos sobre autoridade e poder.

122. Há uma tensão crescente entre os valores tradicionais (espirituais) e a modernidade, mesmo entre o clero, os religiosos e as famílias. Alguns dos efeitos desta invasão global são a relativização da fé, a atração dos padres por um modo de vida materialista e individualista, a falta de testemunho credível, que é uma das razões da erosão da vida espiritual. No final, o número de pessoas que não praticam nenhuma religião aumentará devido ao modernismo, ao materialismo e ao secularismo.

123. A família (nuclear e alargada) é muito importante em muitas sociedades asiáticas. A fidelidade filial estende-se ao ponto de muitos fazerem sacrifícios generosos em prol da unidade e da paz da família. O papel das famílias na renovação sinodal da Igreja e no seu testemunho às sociedades é, portanto, muito importante. Elas serão o primeiro espaço de formação para a renovação sinodal que estamos a imaginar.

124. Vários relatórios citam a sua preocupação com os matrimónios e a vida familiar em nossos dias: violência doméstica, mães solteiras, famílias monoparentais, casamentos adiados devido ao sistema do dote, divórcio e nulidade, etc. As famílias cristãs separam-se devido à falta de conhecimento da fé e às ansiedades provocadas pela pobreza e pelas condições económicas.

125. A tendência contemporânea para um individualismo excessivo agrava ainda mais esta crise de vocação, juntamente com várias tendências económicas que tornam a vida familiar indesejável para muitos. Há também tensões quanto à pertença à Igreja e às suas relações familiares.

126. No meio de uma tão vasta gama de desafios, a Igreja na Ásia precisa, mais do que nunca, de ouvir as vozes das famílias, especialmente das famílias inter-religiosas e interculturais que estão a tornar-se mais uma norma do que uma exceção em muitos locais da Ásia.

127. Pelo fato que nós temos um *ethos* comunal, a vida em comum nas comunidades e bairros asiáticos é o *local* onde se vivem as alegrias e as lutas. Os espaços comuns são oportunidades de diálogo informal e de convívio (diálogo da vida). Enfrentando desafios sociopolíticos, económicos e ecológicos, não só sobrevivemos como há situações em que prosperamos com a força desta relacionalidade na base.

128. Nos últimos tempos, assistimos também a uma divisão crescente entre os povos da Ásia - pessoas divididas com base na casta, na língua, na etnia e no estatuto socioeconómico - e a uma intolerância crescente no seio desta divisão.

129. Mesmo que sejamos pessoas orientadas para a comunidade, o rápido crescimento económico resultante da abundância material também fez com que mais pessoas sofressem de empobrecimento emocional, espiritual e mental. Nalgumas sociedades asiáticas, a aparência e o estilo de vida seculares da liderança da Igreja também causam tensões, uma vez que se opõem à pobreza evangélica e à missão de ser a Igreja dos pobres na Ásia.

130. Num continente tão diverso como a Ásia, o diálogo inter-religioso continua a ser uma característica integral da Igreja na Ásia. Apesar dos esforços de construção de pontes, constatámos que a intolerância religiosa e social está se agravando, o que conduz, em última análise, à perseguição e ao agravamento das condições de vida das pessoas, especialmente das minorias religiosas. Em situações extremas, as falsas acusações de blasfémia e o terror são os principais problemas enfrentados pelos cristãos.

131. O colapso das estruturas democráticas, incluindo a militarização e a opressão política, põe em causa a vida de muitas pessoas em certos países.

VII. LACUNAS IDENTIFICADAS NAS RESPOSTAS ASIÁTICAS

132. A 50ª Conferência Geral da FABC, no seu Documento Orientador e Mensagem Final, identificou algumas preocupações que não foram captadas nas respostas do país no DEC ou que não foram suficientemente consideradas. Estudando todos estes documentos lado a lado, tomámos a liberdade de incluir as lacunas que foram identificadas e incluímo-las neste relatório, na esperança segura de que sejam consideradas nas Assembleias Sinodais de 2023/24.

Cuidado da nossa casa comum

133. A crise ecológica tem sempre um impacto nas comunidades vulneráveis e o continente asiático é um dos locais onde o impacto das alterações climáticas é alarmante. Apesar da possibilidade de a Ásia poder assumir a liderança na defesa dos cuidados com a casa comum, as respostas asiáticas não captaram suficientemente a intensidade da crise ecológica nesta região.

134. Há uma grande necessidade de ouvir mais atenta e profundamente o grito da nossa terra e do nosso povo, especialmente entre os mais pobres que são mais afectados, e de preservar o ambiente.

Partilha de recursos

135. Muitos países do nosso continente, com fracos recursos, dependem sobretudo da assistência financeira internacional de doadores e institutos financeiros. Isto encoraja certamente a elevação socioeconómica do segmento pobre da sociedade.

No entanto, as Igrejas asiáticas também precisam de estar conscientes da necessidade de partilhar os nossos recursos (mesmo que sejam limitados) com as Igrejas/países irmãos da região.

136. Ao partilharmos os nossos recursos, partilhamos não só os nossos dons materiais, mas também os dons espirituais que recebemos uns dos outros e que nos enriquecem, por exemplo, a animação das Comunidades Eclesiais de Base e os carismas dos movimentos eclesiais. Estamos juntos, como Igreja sinodal, uns com os outros como povos da Ásia.

Jovens para o presente

137. Fala-se muitas vezes dos jovens como o futuro, mas os jovens são também o presente. A nossa *opção preferencial* pelos jovens deve incluir a experiência pessoal do amor de Deus na Igreja, a formação integral, o discernimento vocacional e o acompanhamento. Os jovens procuram testemunhas autênticas e credíveis na Igreja e precisam de uma comunidade sinodal para caminharem juntos.

138. Ao saberem quem são perante Deus através das suas esperanças, sonhos, realidades, lutas e limitações que enfrentam na vida, os jovens sentem que são apoiados e não estão sozinhos no seu caminho e podem também encorajar outros a caminharem juntos na jornada da vida.

139. Os problemas enfrentados pelos jovens, como a toxicodependência, o jogo e as dependências em linha, a desagregação das famílias e as questões de saúde mental, não foram suficientemente abordados. Os “jovens despedaçados” não são capazes de contribuir para este caminho sinodal. Por esta razão, uma Igreja sinodal deve aprender a acompanhar estes jovens para a sua cura, crescimento e discernimento da vocação.

Família e casamento

140. A família é a Igreja doméstica que alimenta a vida da sociedade, e a família é também a “escola de sinodalidade” porque é aqui que se forma o carácter. No entanto, os novos desafios que se colocam às famílias incluem a desagregação das famílias, a falta de empenho em promover a vida, o medo do casamento e a diminuição das taxas de natalidade devido a dificuldades económicas e a condicionamentos ideológicos, e muito mais está a moldar as unidades familiares hoje em dia na Ásia.

141. Em alguns países, o aborto é mascarado como uma questão de direito da mulher. Em outros, o aborto é promovido como um meio de controlo da população e de eugénia. Existe também uma cultura desastrosa de silêncio em casos de violência doméstica, incesto, crimes de honra, etc. É necessário promover a espiritualidade da vida familiar para refletir a sua vocação de santuário sagrado.

142. Em algumas partes da Ásia, onde as comunidades estão a envelhecer, os cuidados aos idosos também devem ser tidos em consideração.

143. O número crescente de casamentos na Ásia que são inter-religiosos e

interculturais exige uma maior atenção pastoral, uma vez que pode ser um desafio e também uma oportunidade para crescer no respeito por outras religiões e culturas. As famílias inter-religiosas podem ser a primeira escola de diálogo inter-religioso.

Pobreza, Corrupção e Conflito

144. A pobreza na Ásia é um problema grave (o Banco Mundial calcula que mais de 320 milhões de pessoas na Ásia vivem em extrema pobreza). A Igreja tem estado na vanguarda do trabalho incansável entre os pobres e para a sua elevação. No entanto, pouco se fala da pobreza crescente na Ásia e do impacto que isso tem no facto de sermos uma Igreja sinodal.

145. Reconhecemos também que a urbanização insustentável e a corrupção sistémica são dos maiores problemas importantes na Ásia e que estão de certa forma ligados à pobreza do povo asiático. Esta corrupção sistémica a todos os níveis da sociedade afecta a vida dos cidadãos comuns. As respostas ao DCS não deram muita atenção a este “problem”.

146. A Igreja na Ásia é uma minoria demográfica, socioeconómica, cultural e política e, por isso, está a tornar-se mais vulnerável a regimes progressivamente opressivos ou fundamentalistas, bem como a conflitos políticos. Nestas situações, o que é que significa ser uma Igreja sinodal?

147. A desconexão entre religiosidade e moralidade é, de facto, preocupante. Apesar da ligação dos asiáticos a uma forma de religiosidade ou espiritualidade, as vidas morais por vezes não são transformadas por experiências religiosas. Por exemplo, uma pessoa pode ser religiosa e, ao mesmo tempo, corrupta.

Povos indígenas

148. Cerca de 60% dos povos indígenas do mundo, chamam à Ásia a sua casa. Portadores de tradições enraizadas há milhares de anos, os povos indígenas manifestam como a humanidade pode viver em harmonia com a criação. Reconhecemos que muitos povos indígenas abraçaram a fé cristã, mas mesmo na Igreja, ferida pelo tribalismo e pelo preconceito, eles lutam para serem respeitados como agentes companheiros de evangelização. Apesar das grandes populações de povos indígenas na Ásia, fala-se muito pouco deles nas respostas.

Igreja no mundo

149. A Igreja existe no mundo e para o mundo. No entanto, muitas das respostas têm sido muito insulares, olhando apenas para dentro da Igreja. Um nível de conforto que deixou a Igreja à vontade para tratar apenas dos seus assuntos pode ter levado a uma falta de referência à como a Igreja transforma o mundo (Ásia) para que todas as pessoas possam gozar dos frutos do Reino de Deus. A Igreja na Ásia deve continuar a perguntar-se constantemente como é que a *missio ad gentes* pode ser reconhecida e vivida de forma sinodal como uma forma de alargar o espaço da nossa tenda.

150. A Igreja não pode ser autorreferencial e, por isso, deve procurar empenhar-se na renovação do mundo. Uma das formas é a construção de Comunidades Eclesiais

de Base (CEB) para levar a cabo a transformação social - o cuidado da casa comum e o diálogo inter-religioso. A cultura do diálogo com as religiões e o encontro com as culturas devem ser integrados na vida da Igreja. A Igreja deve avançar para um maior trabalho em rede com outros (organizações e instituições) para o bem comum de todos.

Migrantes, refugiados e pessoas deslocadas

151. As questões relacionadas com os migrantes, os refugiados, as pessoas deslocadas, o tráfico de seres humanos, etc., estão a aumentar rapidamente nas regiões asiáticas. As principais causas da deslocação de um número tão elevado de pessoas são os conflitos, o desejo de melhores oportunidades económicas, a destruição do ambiente, as vítimas de exploração, etc.

152. A instabilidade política nalgumas partes da Ásia fez com que as pessoas se tornassem refugiados e requerentes de asilo. Como é que a Igreja se torna uma "tenda acolhedora" para estas pessoas que procuram paz, segurança e harmonia? Em muitos desses lugares, eles tornam-se missionários do Evangelho, pois trazem não só as suas experiências de vida, mas também a sua fé. Os migrantes, os refugiados e as pessoas deslocadas também dão vitalidade à vida das Igrejas locais através da sua presença. A Igreja deve procurar integrá-los e acompanhá-los nesta viagem como novos evangelizadores.

Construção da paz

153. Nos países onde existem conflitos internos devido a regimes opressivos e ditatoriais, a Igreja deve desempenhar um papel integral no trabalho de construção da paz e de resolução de conflitos. Entre as muitas outras funções da Igreja, a paz e a harmonia de todos os cidadãos devem estar entre as suas prioridades pastorais.

154. O trabalho em prol da paz e da reconciliação pode ser uma das novas formas de evangelização. À parte ver a Igreja como uma "tenda" de inclusão, a Igreja deve também ser uma "construtora de pontes" em em pro da paz e da reconciliação.

Proteção

155. A proteção dos menores e dos vulneráveis é uma preocupação para a Igreja na Ásia. Apesar da baixa taxa de notificação de casos (em parte devido a razões culturais), trata-se de uma preocupação importante. As respostas ao DEC fazem muito poucas referências a esta questão. No entanto, deve ser dada prioridade a esta questão em termos de formação de todo o pessoal da Igreja.

156. A Igreja na Ásia deve ouvir, vigiar, proteger e cuidar das crianças maltratadas, exploradas e esquecidas, onde quer que se encontrem, criando ambientes seguros e implementando procedimentos de proteção.

Papel dos bispos

157. Por razões óbvias, os Bispos desempenham um papel insubstituível na animação do processo sinodal na Igreja local. Como pastor primário do povo de Deus, o nível de zelo e sinceridade com que ele abraça a abordagem sinodal na sua maneira de liderar dá, em grande medida, o tom do esforço para redescobrir esta

prática cristã vital entre o clero e os leigos que ele é chamado a servir.

158. A sua responsabilidade de afirmar a autêntica tradição da comunidade cristã é inspirada pela vontade de testemunhar uma confiança radical na atividade vivificante do Espírito na vida desta comunidade: “Fazer sínodo é fazer evangelização” (Papa Francisco). Imitar o Bom Pastor, encorajando o rebanho a um crescimento e conversão contínuos, através do desejo e do conhecimento do Caminho e da Verdade, só ele conduz à vida, à verdadeira vida, à vida em abundância, à vida eterna.

159. Deste modo, mantém-se fiel ao seu papel e vocação no contexto da manutenção e do reforço da identidade católica, ao mesmo tempo que incita os outros a empenharem-se em três dos aspectos essenciais da realidade cristã: *comunhão, participação e missão*.

160. Aceitando com alegria a autoridade dos líderes da comunidade, o clero, os consagrados e os leigos são fortalecidos nas suas vocações de conhecer Deus, de O amar e de O servir nos outros. *Escutando Deus na sua Palavra*, através da sua Igreja, e em diálogo com os outros, todos os membros da comunidade partilham a responsabilidade de servir de acordo com o seu carácter batismal.

161. Os bispos de hoje podem atestar as palavras do antigo pastor cristão, S. João Crisóstomo, que afirmava que a Igreja e o Sínodo são *sinonimus*. Estes bispos lideram o povo de Deus e são, por vez, encorajados, acompanhados e informados pelos impulsos do Espírito Santo, expressos na vida de todos na comunidade.

162. Ninguém está isento ou excluído da responsabilidade de discernir e abraçar este chamamento batismal comum, a vontade de Cristo é que ninguém fique sem a ajuda daquela graça através da qual a vida se torna mais abundante e o mundo em que vivemos é reconciliado e santificado.

163. Em todas as lacunas acima referidas, o caminho sinodal deve permear a abordagem dessas lacunas e a viagem sinodal deve estar no centro da vida e da missão da Igreja.

VIII. PRIORIDADES DAS RESPOSTAS ASIÁTICAS

164. As respostas asiáticas foram variadas e diversificadas, englobando uma variedade de questões e desafios, cada um deles peculiar à cada região particular. No entanto, há alguns pontos comuns que vemos nas respostas, todos eles apontando para a necessidade de uma autêntica liderança profética que dependa e conduza a uma conversão contínua. É evidente que, em grande medida, o caminho sinodal se torna mais possível com a consciência e a vontade do povo de Deus de abraçar esta realidade.

165. Seguem-se 6 prioridades que foram identificadas através de um processo de oração e discernimento, na esperança de que reflectam os desejos dos corações asiáticos.

Formação

166. Para uma Igreja sinodal, é preciso uma formação inicial e permanente a todos os níveis, para todas as pessoas, a começar pelas famílias e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

167. Os seminaristas, os padres, os bispos e os homens e mulheres consagrados devem ser formados para viverem estilos de liderança sinodal, de discernimento comunitário e de tomada de decisões. A promoção de uma cultura de sinodalidade implica a renovação da formação dos formadores dos seminários, dos professores de teologia, e o atual programa dos seminários deve ser mais orientado para a vida e para o ministério.

168. Os leigos precisam de ser formados para assumirem papéis activos, de acordo com a sua chamada batismal, para servirem com generosidade a Deus e com amor à Igreja e ao seu povo. A formação para uma espiritualidade sinodal deve estar no centro da missão e da visão da Igreja.

Inclusão e hospitalidade

169. As mulheres, os jovens e as pessoas marginalizadas ou excluídas, com especial atenção para os abandonados (por exemplo, crianças de rua e idosos), também deve ser prestada uma atenção pastoral significativa aos divorciados, recasados, pais solteiros, famílias desestruturadas, pessoas com deficiência (PWDs), prisioneiros, pessoas que se identificam como LGBTQIA+, idosos, dependentes de substâncias, trabalhadores do sexo comercial, etc.) os feridos e vitimados, as famílias fracturadas e os que lutam com a identidade de género, os deslocados e os perseguidos, e todo um espectro de muitos outros devem encontrar o seu lugar nesta tenda (Igreja).

170. Poderá ser necessário rever as estruturas para que todos tenham um sentimento de pertença à Igreja e para que cada pessoa se torne um embaixador de Cristo, um embaixador da inclusão e da hospitalidade.

Discípulos Missionários

171. No contexto da Ásia, temos de aprender a testemunhar profeticamente e a “sussurrar” o Evangelho uns aos outros, o que, antes de mais, implica viver ativamente a nossa fé, baseada em encontros e experiências pessoais com Jesus, e contribuir para a comunidade da Igreja como uma comunhão de comunidades.

172. Embora reconhecendo que os cristãos são uma minoria na Ásia, o testemunho incomparável dos mártires asiáticos constitui um desafio e uma fonte de encorajamento.

173. Temos também de aprender a crescer no diálogo, na consulta e no discernimento comunitário. Ao mesmo tempo, o respeito pelas sensibilidades de outros povos asiáticos deve também estar no centro da Igreja. Famílias inter-religiosas estão tornando-se comuns, por tanto, como é que levamos Cristo aos outros? Precisamos abraçar uma cultura de encontro e de construção de pontes para levar Cristo ao mundo.

174. Nesta era pós-pandémica, a hibridação da vida da Igreja (presencial e em linha) é uma realidade que devemos abraçar e maximizar as oportunidades de evangelização, incluindo a utilização mais ampla e criteriosa da tecnologia neste esforço, como nosso mandato cristão.

Responsabilidade e transparência

175. O apelo à responsabilidade e à transparência não só se interessa em questões financeiras, mas também nos processos de tomada de decisões e na governação. Isto pode exigir a revisão de algumas disposições do Direito Canónico. Aqueles que desempenham funções de liderança - quer sejam clérigos ou leigos - são também responsáveis pela formação dos leigos e dos jovens.

176. Deve ser promovido um espírito de colaboração e de corresponsabilidade, cada um abraçando a vocação do outro e o estado de vida e os múltiplos carismas da Igreja.

Oração e adoração

177. A nossa oração e culto devem refletir e tocar os corações do povo asiático. As celebrações litúrgicas devem ser mais "sinodais" (participativas, inculturadas, relacionáveis e conviviais) para que todos possam encontrar um espaço sagrado e seguro para adorar a Deus. A integração da cultura na vida e no culto da Igreja deve também animar a vida dos fiéis.

Ambiente

178. No cuidado da casa comum, a Igreja deve estar na linha da frente não só na proteção da Mãe Terra, mas também na sua cura. Como Jesus veio para redimir e reconciliar todas as coisas, a Igreja deve procurar renovar a face da terra.

179. Como membros do único Corpo de Cristo, somos chamados a tornar-nos uma Igreja verde e a viver em solidariedade e respeito, proteger, defender e nutrir a unidade de toda a Criação. A preocupação ambiental não é meramente ecológica, mas tem também uma dimensão espiritual e social, uma vez que afecta todos, sobretudo os pobres.

IX. TIRAR AS SANDÁLIAS: A VIAGEM SINODAL ASIÁTICA

180. É uma prática comum entre os asiáticos descalçarmo-nos quando entramos em casas ou templos. É um belo sinal de respeito; de como estamos conscientes dos outros em cujas vidas estamos a entrar. Além disso, é também uma expressão da nossa profunda consciência do sagrado.

181. Lembra-nos o que Deus disse a Moisés (Êxodo 3,5): Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Mais importante ainda, “tirar as sandálias” torna-nos conscientes da terra que todos somos chamados a proteger e a cuidar.

182. “Tirar as sandálias” é também um belo símbolo do nosso caminho sinodal como Igreja na Ásia. Caracterizado pela diversidade de culturas e religiões, recorda-nos que devemos respeitar todos enquanto escutamos e conversamos, discernimos e decidimos. Significa também que, numa escuta autêntica, deixamos para trás os nossos preconceitos e parcialidades para acolher o outro.

183. Os sapatos podem ser um símbolo de estatuto e, ao tirá-los, reconhecemos que somos iguais enquanto seres humanos. Descalços, tomamos consciência e também nos identificamos com os mais pobres.

184. “Tirar as sandálias” torna-nos também muito conscientes do solo, do chão que estamos a pisar. O contexto sócio-político da Ásia é muito desafiante e a forma como a Igreja se move neste contexto é de importância fundamental no caminho com a humanidade. Faz-nos sentir mais próximos das realidades dos povos da Ásia.

185. “Tirar as nossas sandálias” como uma imagem eclesial sinodal articula a nossa experiência da Igreja como relacional, contextual e missionária, caminhando juntos em humildade e esperança.

X. CONCLUSÃO

186. O caminho sinodal que começou em outubro de 2021 não é um processo novo para as Igrejas da Ásia. Em muitos países, já existiam oportunidades de escuta e discernimento para desenvolver planos pastorais. No entanto, estas eram apenas a nível paroquial, diocesano ou nacional. Houve sucessos e desafios a estes níveis.

187. O caminho sinodal deu aos católicos que participaram neste processo uma melhor compreensão regional e universal das consolações e preocupações das diferentes Igrejas. Houve um reconhecimento de que as consolações e os desafios

não eram apenas únicos nas diferentes regiões, mas também complexos nas suas formas.

188. O processo de discernimento revigorou, em grande medida, a vida da Igreja através da participação ativa de muitos católicos cuja experiência anterior poderia ter sido periférica. Para muitas pessoas, foram lançadas sementes de esperança através deste processo, embora, ao mesmo tempo, reconheçamos que alguns estavam cépticos por várias razões.

189. Este é um processo que precisa de ser filtrado em todos os níveis da vida da Igreja. O processo de sinodalidade, ou seja, o discernimento e as conversas espirituais, deve fazer parte da vida e do ministério da Igreja a partir de agora. Algumas Igrejas em toda a Ásia já começaram a implementar os frutos de terem escutado durante a fase anterior do processo sinodal.

190. Embora a mudança de estruturas seja importante para implementar as mudanças sinodais, os aspectos da relacionalidade não devem ser esquecidos nesta jornada como parte integrante de ser uma Igreja sinodal.

191. Na Assembleia Continental da Ásia (24-26 de fevereiro de 2023), foi sugerido que a *relatio finalis* do Sínodo de outubro de 2023 fosse publicada o mais rapidamente possível, para que as conferências, dioceses e paróquias possam começar a trabalhar nas sugestões que possam surgir na XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

192. Dada a diversidade linguística da Ásia, seria conveniente publicar igualmente uma versão resumida da *relatio finalis*, para que os países possam trabalhar nas várias traduções e para que esta seja divulgada ao maior número possível de pessoas.

193. Deverão realizar-se conversações sinodais sub-regionais após a reunião do Sínodo em outubro de 2023. Estes encontros podem ser um meio de escuta e discernimento contínuos para as Igrejas da Ásia e talvez até um Sínodo Eclesial em 2024.

Ao apresentarmos este Documento Final, o fruto da nossa escuta e discernimento, imploramos a proteção materna e a intercessão de Maria, a Mãe da Ásia, nesta peregrinação sinodal, juntamente com o resto da humanidade.